

AMBROSE BIERCE

DICIONÁRIO
DO
DIABO

Seleccção e tradução de Rui Lopes
Prefácio de Pedro Mexia

Ilustrações de
RALPH STEADMAN

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
MMVI

O ADVOGADO DO DIABO



Ambrose Bierce, jornalista e escritor americano, nasceu no Ohio, em 1842, e desapareceu numa viagem ao México, em 1914. Filho de agricultores carenciados, combateu na cruenta Guerra Civil, dois factos essenciais na sua mundividência.

Bierce escreveu contos umas vezes realistas outras vezes góticos, sempre num estilo seco e económico. Há duas colectâneas com edição portuguesa: *Um Acontecimento na Ponte de Owl Creek* (Assírio & Alvim) *Esopo Emendado & Outras Fábulas Fantásticas* (Antígona) e *Fábulas Fantásticas* (Estampa). Crítico social satírico e implacável (herdeiro de Swift ou Voltaire), foi colunista em vários jornais do magnata Hearst, nomeadamente o *San Francisco Examiner*. A sua propensão para a veemência e o sarcasmo tornou-o um dos articulistas mais polémicos da sua época e valeu-lhe a alcunha «bitter Bierce» (o amargo Bierce). O seu legado mais original consiste num volume que reúne colunas publicadas nos jornais entre 1881 e 1906, que se chamou primeiro *The Cynic's Word Book* (1906) e se tornou depois conhecido como *The Devil's Dictionary*.

O que significa *Dicionário do Diabo*? É um dicionário escrito do ponto de vista do Diabo? Ou do ponto de vista de um autor tido como diabólico? Ou diabólico é o espírito que anima este Dicionário? Todas estas leituras são possíveis.

Bierce é levado do Diabo, e tem todo o interesse em associar a maldição ao seu texto. O título é como que um jogada de promoção. Este Dicionário anuncia logo no seu nome que não se pretende *informativo*, como os dicionários comuns. Nem sequer instrutivo e empenhado, como a *Enciclopédia* iluminista. O que interessa a Bierce não é descrever o mundo tal como é. O mundo tal como é não passa de uma ilusão de óptica, de um engodo social. O mundo não deve ser analisado com frieza científica ou ideológica, deve ser confrontado com os seus vícios numa linguagem viciosa. Bierce joga contra o mundo mas no terreno do mundo: ele não denuncia nem lamenta, apenas usa os artifícios da civilização contra essa mesma civilização. Se vivemos protegidos e enganados por conceitos, convenções, conveniências, então o que importa é aceitar isso como se fosse um jogo. E depois viciar o jogo por dentro. Ao definir as coisas do mundo, Bierce usa as estratégias mundanas: ele mente para chegar à sua verdade. Se a hipocrisia existe como homenagem do vício à virtude (segundo Wilde), então a virtude que se faz vício é a mais genial das retóricas.

O que critica Bierce? Os fundamentos da sociedade do seu tempo: o patriotismo, o colonialismo, o militarismo, o clericalismo, a demagogia democrática. E os vícios humanos de todos os tempos: o oportunismo, a hipocrisia, a estupidez, a cupidez e a vigarice. No entanto, o seu principal alvo é a manipulação e o abastardamento das palavras e dos sentidos. A retórica das definições deste Dicionário consiste em apresentar todos os nossos mecanismos de inveja, arrogância, desculpabilização e demonização do outro. Bierce distorce o sentido das palavras porque as palavras adquiriram

sentidos distorcidos. Quando o amargo colunista diz que o realismo é a representação da natureza do ponto de vista de um sapo, não está apenas a satirizar uma determinada estética. Está a contestar toda a ideia de uma visão naturalista da sociedade. Os seus aforismos divertidos e às vezes surrealistas deformam e transformam o mundo do ponto de vista de um individualista. O que se compreende quando uma entrada do dicionário sugere que liberdade e imaginação são a mesma coisa.

Se situarmos Bierce no contexto oitocentista, surgem alguns paralelos com Mark Twain, que escrevia vinhetas irónicas e sátiras delirantes, e depois com o polemista H.L. Mencken. Acontece que Mencken era bastante mais conservador e talvez mais agressivo. E Twain cultivava um registo sentimental e uma certa bonomia, enquanto Bierce é quase gélido. O *Dictionnaire des Idées Reçues* de Gustave Flaubert tem evidentes afinidades com *The Devil's Dictionary*, na sua impaciência com o cliché. No entanto, Flaubert era um misantropo e um elitista, ao passo que Bierce, americano dissidente mas ainda assim americano, é essencialmente um populista. A mesquinhez e a mediocridade divertem Gustave e Ambrose, mas o autor de *Bouvard e Pécuchet* não esconde um certo nojo, ao passo que o colunista californiano denuncia um assinalável gozo. Bierce não se fica pelo cinismo: inventa uma espécie de cinismo do cinismo.

Diversas entradas do Dicionário são modelarmente cínicas: é assim quando define o comércio como «saque», o catecismo como «adivinhas teológicas» ou o amor como «uma demência temporária que se cura com o casamento». Ou quando define «inocência», «Ocidente», «funeral», «justiça»

ou «fidelidade». A sua definição de cínico é particularmente interessante: «um malandro cuja visão deficiente lhe apresenta as coisas como elas são, não como deviam ser». De muitas destas tiradas percebemos que Bierce é mais um anarquista que um progressista. Ele é tão contra o optimismo que a entrada «pessimismo» critica o optimismo em vez de satirizar o pessimismo. Bierce sabe que o radicalismo de hoje é o conservadorismo de amanhã: segundo ele, um conservador «gosta das coisas más que já existem, por oposição ao liberal, que as quer substituir por outras». E não hesita em apresentar a revolução como a troca de um mal por outro mal. No fundo, é da História que ele mais desconfia: a História é «um relato geralmente falso de acontecimentos geralmente fúteis, contado por governos geralmente velhacos e soldados geralmente tolos». Não há aqui espaço para mitologias de nenhuma espécie.

É verdade que no Dicionário encontramos indignação. Mas esta indignação não tem ilusões sobre os seus efeitos e cultiva o humor negro. O cínico reconhece subtilmente que o mundo é cínico. Bierce parece às vezes um moralista porque joga com os dois conceitos essenciais do moralista: a verdade e o aforismo. Se algumas coisas são falsas e repugnantemente falsas, é porque existe uma possibilidade de serem verdadeiras. Bierce supõe que existe uma verdade e essa verdade é parcialmente desvendada pelo aforismo. A frase concisa e definitiva, dotada de um grau de certeza e de um grau de ambiguidade, permite que se extraia um conceito moral de todas as matérias. Acontece que esse moralismo fracassa porque Bierce gosta demasiado do seu jogo. Ele combate o fogo com o fogo e pelo fogo se apaixona. Quando

Bierce define «clube» como «uma associação de homens que tem por objectivos a embriaguez, a gula, o riso alarve, o homicídio, o sacrilégio e a difamação de mães, esposas e irmãs» acrescenta que obteve essa informação através das esposas desses homens. Ou seja: Bierce não está a assumir o discurso da virtude, mas a caricaturar a mentalidade dos obcecados com a decência. Um mundo decente seria enfadonho. É a imperfeição do mundo que anima o Diabo.

Escritos na imprensa da época, estes textos tinham um significado determinado. A sua junção em volume implica a transformação da sua natureza, uma vez que os textos se desligam dos acontecimentos concretos e se tornam uma colecção de epigramas. Bierce é eminentemente citável, e provavelmente muitas destas definições diabólicas circulam isoladamente, em epígrafes, conversas ou dicionários de citações, pelo que cada uma adquire um valor individual e provavelmente novos sentidos. Se a citação é «o acto de repetir erradamente as palavras de outra pessoa», então essa inevitabilidade torna-se num trunfo. E num triunfo.

O *Dicionário do Diabo* é um manual de guerrilha contra o conformismo. Uma guerrilha moderadamente convicta dos seus poderes mas ainda assim apostada na inconveniência e na crítica sem tréguas. Um crítico, escreve Ambrose Bierce, é «uma pessoa que se diz difícil de agradar porque ninguém tenta agradar-lhe».

Que este *Dicionário* vos desagrade.

PEDRO MEXIA



A selecção e tradução da presente edição foi feita a partir da obra *The Devil's Dictionary*, Wordsworth Editions Limited, 1996.

Respeitou-se a utilização de maiúsculas decidida pelo autor, salvo nos casos em que ela decorre de convenções tipográficas especificamente anglófonas.

ABANDONADO, *adj.* Sem favores para conceder. Desprovido de fortuna. Devotado a expressar a verdade e o senso comum.

ABDICAÇÃO, *n.* Acto através do qual um soberano demonstra sentir a alta temperatura do trono.

ABDÓMEN, *n.* O templo do deus Estômago, em cuja adoração, com ritos sacrificiais, todos os homens participam. Das mulheres, esta fé antiga exige apenas um consentimento hesitante. Por vezes, elas presidem ao altar de forma pouco empenhada e ineficiente, desconhecendo a verdadeira reverência pela única divindade que os homens realmente adoram.

BANHO, *n.* Um tipo de cerimónia mística que substituiu o culto religioso, desconhecendo-se ainda a sua eficácia espiritual.

BAPTISMO, *n.* Um ritual sagrado tão eficaz que torna eternamente infelizes aqueles que vão para o Céu sem terem sido baptizados. É feito com água, de duas formas — por imersão ou mergulho; por aspersão ou borrifadela.

BAPTIZAR, *v.t.* Infligir cerimoniosamente um nome a uma criança indefesa.

BARBA, *n.* O cabelo que é habitualmente cortado por aqueles que abominam o absurdo costume chinês de rapar a cabeça.

BARBEIRO, *n.* (do Latim *barbarus*, selvagem, a partir de *barba*, a barba.) Um selvagem que nos faz esquecer a laceração da nossa cara, perante o tormento superior que é ter de ouvir a sua conversa.

BARÓMETRO, *n.* Um instrumento engenhoso que nos indica o tempo que estamos a ter.

BATALHA, *n.* Uma forma de desatar com os dentes um nó político que resiste à língua.

BEIJO, *n.* Uma palavra inventada pelos poetas para rimar com «desejo». Supõe-se que significa, de um modo geral, uma forma qualquer de rito, ou cerimónia propiciadora de um bom entendimento; mas este lexicógrafo desconhece a forma como ela é realizada.

BELADONA, *n.* Em Italiano, uma mulher bela; em Português, um veneno mortal. Um exemplo assinalável da semelhança entre estas duas línguas.



BELADONA

CREDOR, n. Indivíduo que pertence a uma tribo de selvagens que vive para lá dos Estreitos da Finança e é temida pelas suas incursões devastadoras.

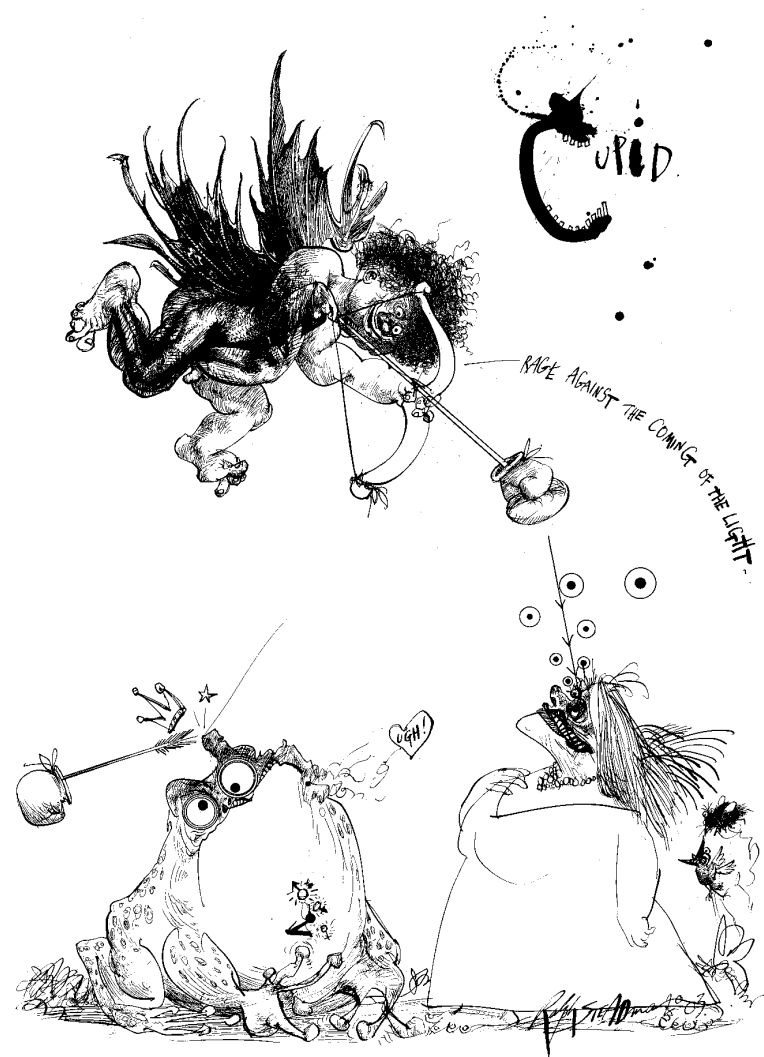
CRISTÃO, n. Aquele que acredita que o Novo Testamento é um livro de inspiração divina, admiravelmente adequado às necessidades espirituais do seu vizinho. Aquele que segue os ensinamentos de Cristo, na exacta medida em que não sejam incompatíveis com uma vida de pecado.

CRÍTICO, n. Uma pessoa que se diz difícil de agradar porque ninguém tenta agradar-lhe.

CULPADO, n. O outro indivíduo.

CÚMPLICE, n. Pessoa associada a outra num crime, sendo culpada de conhecimento dos factos e de cumplicidade; como um advogado que defende um criminoso, sabendo-o culpado. Esta perspectiva da posição do advogado nesta matéria não granjeou, até agora, a concordância dos advogados, pois ninguém lhes pagou para que concordassem.

CUPIDO, n. Aquele a quem chamam o deus do amor. Esta criação abastardada de um capricho bárbaro foi, sem dúvida, infligida à mitologia por causa dos pecados dos seus deuses. De todas os conceitos desagradáveis e impróprios, este é o mais injustificado e ofensivo. A ideia de simbolizar o amor a partir de um bebé sexualmente ambíguo, de comparar as agruras da paixão com as feridas de uma seta, de introduzir este homúnculo gorducho na arte para materializar de



CUPIDO

EDUCAÇÃO, *n.* Aquilo que revela aos sábios e esconde aos tolos a sua falta de inteligência.

EFFECTIVAMENTE, *adv.* Talvez; possivelmente.

EFEITO, *n.* O segundo de dois fenômenos que ocorrem sempre juntos e na mesma ordem. Do primeiro, ao qual se chama Causa, diz-se que gera o segundo — o que é tão sensato como dizer-se que, por se ter visto um cão a perseguir um coelho, o coelho é a causa do cão.

EGOÍSTA, *adj.* Desprovido de consideração pelo egoísmo dos outros.

EGOTISTA, *n.* Uma pessoa com mau gosto, mais interessada em si própria do que em mim.

ELECTRICIDADE, *n.* A força que causa todos os fenômenos naturais cujas outras causas desconhecemos.

ELEFANTE, *n.* O brincalhão do reino animal, com o seu nariz flexível e com pouco espaço para acomodar os dentes.

ELEITOR, *n.* Indivíduo que goza do privilégio sagrado de votar numa pessoa que foi escolhida por outra pessoa.

ELÍSIO, *n.* País imaginário e encantador que os antigos acreditavam, disparadamente, ser a morada dos espíritos das pessoas boas. Esta fábula ridícula e perniciososa foi varrida da superfície da Terra pelos Cristãos primitivos — que as suas almas sejam felizes no Paraíso!

ELOGIO, *n.* Um empréstimo que rende juros.

ELOQUÊNCIA, *n.* A arte de persuadir oralmente os tolos de que o branco é a cor que aparenta ser. Inclui o dom de fazer qualquer cor parecer branca.



EDITOR